



CADERNOS
PROARQ17

Amabilidade urbana: A qualidade do espaço-tempo da intervenção temporária¹

Urban amiability: the space-time quality of temporary intervention¹

Adriana Sansão Fontes

Arquiteta e Urbanista, Doutora em Urbanismo pelo PROURB – FAU / UFRJ. Professora Adjunta do Curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Rio.

Architect and urban designer, PhD in Urban Design, PROURB-FAU/UFRJ; Assistant Teacher at the Architecture and Urban Design Course, PUC-Rio.
adrianasansao@gmail.com

¹ Este artigo é parte integrante da Tese de Doutorado em Urbanismo intitulada *Intervenções temporárias, marcas permanentes. A amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades*, defendida no PROURB – FAU / UFRJ no ano de 2011, sob orientação da Prof. Doutora Lúcia Costa.
This paper is part of a PhD thesis in Urban Design: "Intervenções temporais, marcas permanentes. A amabilidade dos espaços coletivos de nossas cidades", PROURB-FAU/UFRJ, 2011

Resumo

Este artigo apresenta o conceito de **amabilidade urbana**, uma qualidade específica do espaço público submetido a uma intervenção temporária. Trata-se de um atributo espacial que se manifesta através de conexões e interações entre pessoas e espaço, opondo-se ao individualismo que por muitas vezes caracteriza as formas de convívio coletivo contemporâneas. Através da construção teórica do conceito, e da verificação dele em uma constelação de intervenções temporárias no mundo ocidental, objetiva-se defender a amabilidade como uma qualidade urbana dotada de dimensão física, que surge como um importante legado das intervenções temporárias praticadas nos espaços coletivos.

O trabalho traz como contribuição a amabilidade urbana como a qualidade do espaço da intervenção: enquanto a intervenção temporária representa a ruptura positiva do cotidiano, a amabilidade significa a ruptura de hábitos individuais cristalizados no espaço coletivo. Esse aporte pode contribuir para o projeto de novos espaços coletivos que permitam, e estimulem, mais intervenções temporárias, sempre visando à cidade como a reunião de espaços coletivos mais amáveis.

Palavras-chave: amabilidade; intervenções temporárias; espaços coletivos; cidade contemporânea.

Abstract

This paper introduces the concept of urban amiability, a specific quality of the public space submitted to a temporary intervention. Urban amiability is a spatial attribute that is manifested through the connections and interactions between people and space, as opposed to individualism that often characterizes the contemporary forms of collective living. Through the construction of the theoretical concept and by verifying its existence on a number of temporary interventions in the western world, the text aims at supporting amiability as an urban quality with a physical dimension which emerges as an important legacy of temporary interventions practiced in collective spaces.

The paper means to contribute to present amiability as the quality of intervention on urban space. While the temporary intervention represents a positive break from everyday life, amiability means the breaking of individual habits crystallized in the collective space. What is meant here is also is to contribute to the design of new collective spaces that would allow and encourage more temporary interventions, always with the view of the city as a meeting of a more “amiably” qualified collective spaces.

Key words: amiability; temporary interventions; collective spaces; contemporary city

Introdução

Habitar significa deixar rastros. (Benjamin, 1982, p. 46)

O espaço público submetido a uma intervenção temporária revela uma qualidade urbana específica que denomino como amabilidade. Trata-se de um atributo espacial que se manifesta através de conexões e interações entre pessoas e espaço, opondo-se ao individualismo que por muitas vezes caracteriza as formas de convívio coletivo contemporâneas. A amabilidade urbana é uma qualidade possível e alcançável, e, neste trabalho, defendo que ela pode ser motivada pela potência das intervenções temporárias nos espaços públicos.

Segundo Lipovetski (1989), “a sedução e o efêmero tornaram-se, em menos de meio século, os princípios organizadores da vida coletiva moderna”, e que, dados seus efeitos ambíguos, é importante trabalhar para reduzir sua inclinação obscurantista – o efêmero como alienação pura – e aumentar sua inclinação esclarecida, utilizando-se de suas potencialidades libertadoras.

Parto da premissa de que a sociedade contemporânea vive em um momento específico de alta modernidade, período que se reveste de características de transitoriedade, em várias esferas das relações sociais e econômicas, que imprime alguns traços característicos aos espaços da vida coletiva, como a sensação de hostilidade, o individualismo e as relações superficiais, aspectos que considero negativos, derivados de um quadro de alienação contemporânea.

As intervenções temporárias são aqui entendidas como as ações que se movem no âmbito do transitório, do pequeno, das relações sociais, que envolvem a participação, ação, interação e subversão, e que são motivadas por situações existentes e particulares do contexto urbano, em contraposição ao projeto estandardizado, caro, permanente e de grande escala, o “grande evento”. Elas funcionam, nesse sentido, como motores de relações de proximidade e intimidade, tanto com o próprio espaço quanto na relação entre os indivíduos [amabilidade], atuando reativamente contra esse desfavorável estado de alienação pura.

Considero, por outro lado, que essas intervenções temporárias ancoram-se na condição de efemeridade, muitas vezes como expressões ou reflexos da patente aceleração da vida contemporânea e da leveza e liberdade com que nela se move o ser humano, constituindo sua condição favorável: o efêmero como sinal de liberdade e válvula de escape do indivíduo, o que corresponderia às potencialidades libertadoras colocadas por Lipovetsky.

Objetivo, portanto, defender a amabilidade como uma qualidade urbana dotada de uma dimensão física, que surge como um importante legado das intervenções temporárias praticadas nos espaços coletivos de nossas cidades.

Afinal, o que é a amabilidade? ²

Amabilidade significa a ação ou a qualidade de amável, o ato ou estado de comportamento que pressupõe a generosidade, o afeto ou a cortesia com o outro. É um termo que evoca a “proximidade” e a “abertura”, seja em seu uso corrente, seja aplicada aos espaços urbanos, tal e qual aqui desejo cunhá-la: **a amabilidade urbana**. Nesse sentido, poderia considerá-la como um atributo do espaço amável, daquele que promove ou facilita o afeto e a proximidade, opondo-se ao individualismo por muitas vezes característico das formas de convívio coletivo contemporâneas.

Iniciando uma revisão do termo, encontro algo semelhante em Bachelard (1957), que, em *A Poética do Espaço*, se utiliza do termo “espaço feliz”, para representar o espaço de posse, amado e definido contra forças adversas. Criando o conceito de topofilia, o autor procura debruçar-se sobre o valor humano dos espaços felizes, detendo-se nos espaços da intimidade, habitados, ou nos lugares físicos da vida íntima. Segundo ele,

² Etimologicamente, sua origem vem da palavra em latim *amabilitate*.

todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção da casa, no sentido básico de abrigo, estando o espaço feliz, portanto, relacionado a atributos como intimidade, proteção, refúgio, centralidade e conforto, tudo o que remete à ideia essencial de abrigo.

Assim como Bachelard descarta os espaços da hostilidade, concentrando-se em verificar como o espaço expressa um sentimento, neste caso um sentimento feliz, **também me interessam os espaços “positivos” capazes de manifestar a amabilidade**, e para verificá-lo vou debruçar-me sobre as intervenções temporárias. Os espaços amáveis que ocuparão estas páginas são os lugares onde a amabilidade se manifesta, e para que isso aconteça, são necessários alguns atributos específicos que, comunicativos e atraentes, os tornam “apropriáveis” pelas intervenções: elas só se desencadearão caso exista no espaço algum componente de atração. Determinadas características físicas podem resultar tanto em um espaço hostil quanto em um espaço potencialmente atraente. A qualidade urbana se cria, portanto, através da união dos atributos do lugar.

Como a amabilidade se manifesta?

Shaftoe (2008, p. 6) denomina como *convivial public spaces* [espaços públicos de convivência] a categoria de espaços públicos que corresponderiam ao coração da vida democrática, e os últimos locais onde ainda é possível confrontar-se com a diferença e aprender a entender e tolerar outras pessoas. Segundo ele, não há uma fórmula para o espaço público de convívio, mas sim alguns elementos comuns de ordem física, geográfica, sensorial, psicológica e de gestão, subdivididos em uma série detalhada de atributos³. Baseado em pesquisas de campo, ele concluiu que a combinação desses atributos possibilitaria o sucesso do espaço como um lugar de convivência plena. Assim como Shaftoe, outros autores como White (1980) e Gehl (2004) já exploraram o tema do bom espaço público, partindo da análise física e através de diferentes métodos. Não é meu objetivo propor algo de mesma natureza – inclusive porque o objeto em questão são as intervenções temporárias –, mas sim identificar atributos que possam relacionar lugar e intervenção, objetivando a verificação da amabilidade urbana.

Frenchman (2004), em sua pesquisa *Event Places*, que trata dos eventos emblemáticos norte-americanos e de suas relações com a transformação dos lugares, enumera uma série de “lições” para a criação de um bom lugar-evento. Entre elas, menciona a conexão entre a forma e as atividades, que envolveria os seguintes atributos: o território fisicamente limitado; a intimidade possibilitada pela compressão das pessoas em um mesmo espaço; a granularidade⁴ ou multiplicidade de nós de atividades; a triangulação possibilitada por um terceiro elemento que conecta dois desconhecidos; o movimento dos usuários pelo espaço [passeio/percurso] transformando observadores em performers; a pequena escala que possibilita intimidade, granularidade e triangulação; e o estímulo aos sentidos, ou sensibilidade, todas elas características físicas com pequeno grau de objetividade [mais interpretativas do que descritivas].

A possibilidade da amabilidade se transforma em uma situação real quando ocorre sobre o espaço potencialmente atraente uma intervenção temporária bem-sucedida, tornando-o um espaço

3 Eis os atributos listados pelo autor: quantidade de espaços para sentar, qualidade material, adaptabilidade, proporcionada assimetria, detalhamento variado, apropriadas superfícies e tamanho médio [atributos físicos]; localização, tipo de vizinhança, sequência espacial e acessibilidade [atributos geográficos]; diversidade de usos, controle equilibrado, inclusão, manutenção, limpeza, proibição de tráfego motorizado e animação [atributos de gestão]; e escala humana, singularidade, sensação de segurança, conforto ambiental, visibilidade, elementos naturais, qualidade acústica e “olfática” e oportunidades de comida e bebida [atributos sensoriais e psicológicos].

4 A granularidade corresponderia à sobreposição de potenciais de interação, tanto dentro do espaço como através do evento. Poderia ser incorporada ao projeto de um lugar-evento através de uma rede de espaços com múltiplas experiências.

amável. O espaço deixa de ser um “objeto”⁵ quando ocorre algo que o transforma em um espaço habitado, que passa a fazer parte da memória coletiva do lugar. Santos (2005) já havia dito que o lugar é a oportunidade do evento, e que este, ao se tornar espaço, ainda que não perca suas marcas de origem, ganha características locais. “É como se a flecha do tempo se entortasse no contato com o lugar. O evento é, ao mesmo tempo, deformante e deformado” (SANTOS, 2008. p. 163). É este o momento da manifestação da amabilidade, quando o espaço físico se transforma em espaço social na ocorrência da intervenção. Cabe ressaltar que o espaço, com suas características atraentes, está no comando, pois sem ele não se torna real a possibilidade de intervenção.

Teria a amabilidade relação com as características físicas do lugar, com as intervenções temporárias ou com as pessoas que o utilizam?

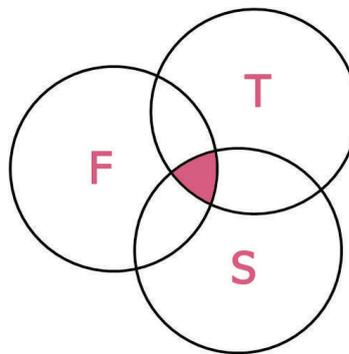


FIGURA 01 - Amabilidade como articulação das dimensões física, temporal e social. Fonte: autora

[A] Sobre as características físicas

Lynch (1981), ao eleger as condições de desempenho da boa forma urbana, buscou eliminar as variáveis em que fosse difícil medir o alcance ou cuja dependência da forma urbana não estava demonstrada, o que para ele significava um valor débil. Quando abordo a amabilidade como qualidade espacial, preliminarmente poderia considerá-la inserida nessa categoria, já que sua experiência está mais relacionada, a priori, à dimensão social do que à forma física da cidade. **A intenção desta pesquisa, entretanto, é demonstrar que este conceito não está fora do domínio da forma física.**

A amabilidade é um conceito de dupla formação. Relaciona-se tanto à criação de vínculos entre a pessoa e o espaço [**intervenção temporária como intensificadora dos atributos físicos e potencial “reformatadora” do lugar**], como às conexões entre as pessoas, conexões que podem se manifestar através de encontros, intercâmbios, cumplicidades e energias, e que reagem ao individualismo e à hostilidade que caracterizam as formas de convívio coletivo contemporâneas. De certa maneira, trata da expansão da ideia da intimidade para os espaços urbanos contemporâneos.

A amabilidade, portanto, **é uma qualidade física e social ao mesmo tempo**: poderia considerá-la como resultado da soma do contexto físico [espaço potencialmente atraente] com o contexto social [pessoas], que se unem através da presença da intervenção temporária [e com isso reforço **a importância do contexto físico atraente**, indispensável para a intervenção “sob medida” nos lugares]. Graficamente, poderia ser

5 Objeto no sentido bacheleriano do termo. Em seu estudo fenomenológico sobre os valores da intimidade da casa, o autor coloca que esta não deve ser considerada como um objeto sobre o qual pudéssemos fazer reagir julgamentos e devaneios, e que é preciso superar os problemas da descrição para se atingir as virtudes primeiras.

representada por um triângulo em cujos vértices estão o espaço/tempo [lugar/intervenção] e as pessoas (ver fig. 2 e 4). Neste artigo, **desejo apresentar a amabilidade como uma nova forma de compreender o espaço**, demonstrando a sua dependência do contexto urbano.



FIGURA 02 - Processo de manifestação da amabilidade: a intervenção reformata o espaço e promove conexões
Fonte: autora

[B] Sobre as intervenções

Faço aqui uma analogia desse tema com as ideias de Alexander (1965) sobre a retícula, princípio ordenador abstrato das cidades do passado. Segundo o autor, o esquema da retícula oferece uma grande quantidade de conexões entre elementos, o que a opõe ao rígido esquema da árvore⁶. Exemplifica esse argumento através de uma análise do que supostamente pode ocorrer em um cruzamento de ruas: a existência, em dado cruzamento, de uma reunião de elementos materiais que colaboram de algum modo uns com os outros – como uma banca de jornal, um semáforo e um grupo de pessoas que espera para atravessar a rua – possibilita a formação de um sistema em que as pessoas podem olhar os jornais pendurados enquanto esperam que o semáforo fique vermelho. Esse sistema possui uma parte fisicamente invariável [semáforo, banca] com a qual podem colaborar as suas partes variáveis [pessoas]. Desse modo, a forma urbana em si mesma, sua estrutura básica, funciona como o suporte para que os elementos móveis possam conectar-se. Para criar esse esquema e comprovar sua hipótese, o autor recorreu a diagramas matemáticos facilmente compreensíveis.

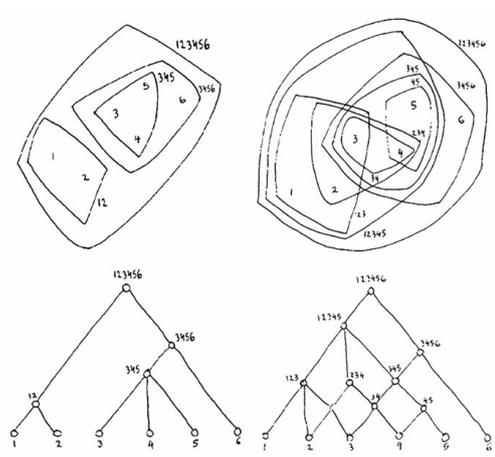


FIGURA 03 - Esquema árvore x retícula
Fonte: Alexander (1965)

6 Ver "La ciudad no es un árbol". Não aprofundarei esse conceito uma vez que não é a finalidade deste artigo.

De forma semelhante, outro tipo de conexão possível vem da inserção temporária de um novo elemento ou sistema em um espaço público predeterminado. Tal espaço, com suas funções prévias, passa a desenvolver outra atividade, estranha a este lugar embora compatível, permitindo sua ativação através de novas conexões entre pessoas⁷. A presença da intervenção temporária pode permitir a conexão, como diria Alexander, “entre partes fixas e móveis e também entre as partes móveis mesmas”, ou seja, entre as pessoas, permitindo que se manifeste a amabilidade. Ao mesmo tempo em que a intervenção interage com as pessoas, faz também com que essas interajam entre si, aproximando-as, vitalizando os espaços e dando origem a um novo ciclo que se autoalimenta, uma vez que a amabilidade pode permitir novas intervenções, que vão gerar espaços cada vez mais amáveis, e assim sucessivamente. Assim como o exemplo de Alexander, esta situação também pode ser ilustrada através de diagramas.



FIGURA 04 - Esquema da amabilidade
Fonte: autora

[C] Sobre as pessoas

Este diagrama tem correspondência com o conceito de White (1980) de triangulação, processo em que um estímulo externo faz com que duas pessoas estranhas iniciem uma conversação, promovendo a conexão entre elas como se fossem conhecidas. O estímulo pode ser outra pessoa, um grupo, um objeto, uma visada... Não é a excelência do ato o que importa, mas o fato de ele acontecer e reunir pessoas estranhas. Segundo

7 White (1980) lida com essa ideia, e, através dos estudos dos espaços públicos de Nova Iorque, comprova que a simples “colocação ou retirada” de um elemento de uma praça altera seu desempenho como espaço público de vitalidade e aceitabilidade pelos usuários. Os elementos podem englobar esculturas, vendedores ambulantes de comida, músicos de rua ou mesmo algum mobiliário urbano.

o autor, a presença de “personalidades” urbanas em um espaço público, por exemplo, pode desencadear a triangulação, sendo uma forma de torná-los mais amigáveis.

Outros autores, como Gehl (2004) e Frenchman (2004), consideram a triangulação de White como uma das responsáveis pela qualidade urbana de um espaço público. Segundo o primeiro, acontecimentos inesperados ou infrequentes como, por exemplo, os atores de rua, servem para que se inicie uma conversação entre estranhos no espaço público. O “público”, surpreendido pela quebra na rotina, acaba tendo algo sobre o que falar com o desconhecido a seu lado. Já Frenchman, como foi mencionado, coloca a triangulação como um dos atributos para se criar um bom lugar – evento.

As relações entre os corpos humanos no espaço é que determinam suas relações mútuas, como se veem e se ouvem, como se tocam ou se distanciam. (SENNETT, 1997. p. 17)

Quando trata da experiência corporal na cidade, Sennett (1997. p. 17) chama atenção para os corpos passivos que povoam a cidade contemporânea, cuja insensibilidade ao mundo real é em muito causada pela experiência da velocidade. Em dado momento, o autor pergunta (1997. p. 303): “como escapar da passividade corporal? O que estimulará a maioria de nós a voltar-se para fora em direção ao próximo, para vivenciar o Outro?” Poderia responder a essa provocação, uma das questões que inclusive originaram este trabalho, defendendo que as intervenções temporárias são uma das formas de se despertar tal conexão, “ativando” os corpos passivos e reduzindo o espaço pessoal entre eles.

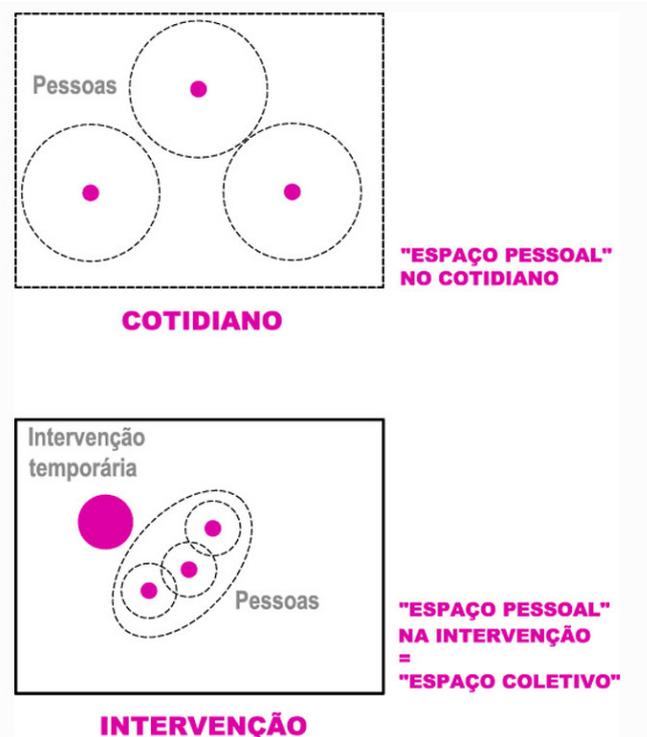


FIGURA 05 - Redução do espaço pessoal no momento da intervenção temporária. Fonte: autora

“O espaço pessoal refere-se a uma área com limites invisíveis que cercam o corpo da pessoa, e na qual os estranhos não podem entrar”. Trata-se de um “território portátil” que o indivíduo leva consigo, e que, em certas condições, pode reduzir ou desaparecer (SOMMER, 1973. p. 33-35). Segundo Shaftoe (2008. p. 53), o espaço pessoal será determinado [se existe escolha] pelas atividades nas quais as pessoas estão engajadas no espaço público, e no espaço cotidiano, onde pessoas se relacionam mais passivamente, este espaço tende a ser mais amplo do que na situação excepcional da intervenção. Seguindo a lógica de Frenchman, para que

a amabilidade se manifeste é necessária a existência de um espaço coletivo [potencialmente atraente para alguém], a intervenção temporária [deste alguém] sobre este espaço, e a consequente triangulação [lugar/ intervenção+ pessoas], esta última subentendendo a aproximação e a “intimidade” entre os envolvidos, reduzindo a distância pessoal cotidiana.

Por todo o dito, poderia definir a amabilidade como a **qualidade urbana que surge da articulação entre as características físicas do lugar, as intervenções temporárias que ocorrem sobre esse espaço e as pessoas que o utilizam e se conectam**, demonstrando que ela surge da articulação entre as dimensões física, temporal e social.

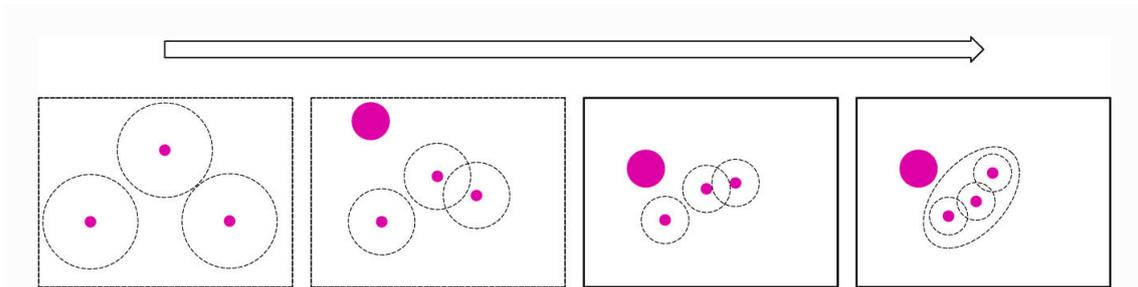


FIGURA 06 - Construção da amabilidade Fonte: autora

Alexander (1977), em *A Pattern Language*, define alguns padrões que se relacionam ao que defendo como intervenção temporária, entre eles o de número 63 – dançando na rua [dancing in the street], e o 147 – refeição comunitária [communal eating], ambas as atitudes passíveis de promover a amabilidade. Sobre o primeiro, o autor pergunta: “Por que as pessoas não dançam mais nas ruas?”, afirmando que essa atitude equivale a uma alegria perdida diante da modernização das cidades, onde as pessoas se sentem desconfortáveis nas ruas e são mutuamente hostis. Sua proposta é que se criem plataformas elevadas em praças ou passeios, onde artistas ou grupos de pessoas possam se juntar para cantar ou dançar gratuitamente. Sobre o segundo, afirma que nenhum grupo humano pode permanecer unido sem uma refeição coletiva, já que esta desempenha papel vital como forma de juntar as pessoas, fazendo-as sentirem-se membros de um grupo. Sugere que se promovam refeições comunitárias regulares de forma que funcionem como eventos. O autor não faz menção nesse caso ao uso do espaço público como suporte, apesar de ser uma situação bastante usual⁸.

Amabilidade enquanto noção de “temporalidade” que se desdobra nas dimensões física e social

Após o exposto e visando um maior esclarecimento sobre o tema, devo cotejar o conceito de amabilidade com outros recorrentes que se referem à relação positiva entre pessoa e espaço, como, por exemplo, o conceito de apropriação. A expressão “apropriação do espaço”, correntemente utilizada por antropólogos, psicólogos, sociólogos e urbanistas, designa as condutas que asseguram aos humanos o manejo afetivo e simbólico de seu espaço (MERLIN; CHOAY, 1988). Apropriar-se de um espaço significa reconhecê-lo como próprio, no sentido de apropriado, apto ou adequado para algo (DELGADO, 2008), ou mesmo tomar posse de algo físico ou mental (MERLIN; CHOAY, 1988). Este conceito, porém, pode ter conotação

8 Poderia acrescentar outros padrões de Alexander relacionados à amabilidade, entre eles: 30 [nós de atividades], 31 [promenade], 33 [vida noturna], 34 [interconexões], 58 [Carnaval], 61 [pequenos espaços públicos] e 69 [“compartimentos” públicos exteriores].

legal ou ilegal em termos jurídicos, o que se reflete no urbanismo como uma ação também de conotação negativa, confirmada pela expressão corriqueira “apropriação ilegal”. Ademais, ele não designa as relações entre pessoas, mas unicamente as relações pessoa-lugar, o que o torna inadequado para nomear o conceito aqui discutido.

Por sua vez, o termo “vitalidade” significa qualidade de vital, força vital ou vigor⁹. Alguns textos clássicos do urbanismo do século XX trabalharam com esse termo aplicado ao urbanismo de maneiras diferenciadas. Lynch (1981) o utiliza na forma *stricto sensu*, definindo-o como o grau em que a forma da aglomeração populacional suporta as funções vitais, os requisitos biológicos, as capacidades dos seres humanos, e como protege a sobrevivência da espécie, tratando-se de um critério antropocêntrico. Já Jacobs (1961) associa vitalidade à vida nas ruas e ao uso intenso dos espaços públicos, relacionando-a a temas como segurança, contato, integração social e diversidade. A definição de Lynch resulta demasiado distante do objetivo do conceito de amabilidade. Já na abordagem de Jacobs, o contato – que pode ser entendido no sentido da conexão a que nos referimos – equivaleria a um dos componentes da vitalidade, não podendo os dois termos serem encarados como sinônimos.

Outra verificação de interesse é a comparação com a urbanidade. Esta costuma ser entendida de várias formas, sendo a primeira delas a definição do dicionário de urbanismo e planejamento, que a considera um conceito de caráter social, e não físico: Merlin e Choay (1988) a definem como toda forma análoga de polidez na maneira de se comportar com os outros. Qualidade de indivíduos ou de sociedades que não pode se reportar a agentes físicos, mas que costuma ser usada como sinônimo de ambiente urbano sofisticado. Em texto posterior, Choay (1994) passa a defini-la como o ajuste recíproco de uma forma de tecido urbano com uma forma de convivência. Muitos autores a utilizam com as primeiras acepções de Choay, como Coutinho M. da Silva (2006, p. 26) que a considera o amálgama da sociedade civil e do controle social. Para ela, a urbanidade não significa total integração, uma vez que sempre existiram e continuarão a existir os preconceitos e as diferenças sociais, mas significa aceitação do outro. Urbanidade seria “uma espécie de anomia amigável que permite às pessoas se relacionarem entre si sem terem que trocar experiências ou confidências. (...) A urbanidade permite que os indivíduos possam entrar no jogo de aparências e papéis urbanos que constituem a cidade”. Essa definição é diversa do sentido que proponho para a amabilidade, que se ocupa de contatos físicos mais próximos, intimidade e aproximação, e não somente de um modo de estar na cidade que faz parte de um contrato cotidiano de boas maneiras.

A amabilidade se voltaria mais para o sentido de cordialidade¹⁰, que significa lhanza no trato, hospitalidade, generosidade, todas elas expressões legítimas de fundo emotivo extremamente rico e transbordante, que a tornam diferente de civilidade e de boas maneiras, mais relativas à polidez que caracteriza uma espécie de defesa ante o “outro”. Tanto a cordialidade quanto a amabilidade se alinham com o desejo de se estabelecer intimidade. No entanto, na busca de um termo que alinhasse esta feição social à dimensão física do “espaço amável” e à excepcionalidade da intervenção enquanto corte no tempo, optei pelo termo amabilidade. Uma associação interessante, em se tratando do corte do tempo, seria associar a urbanidade à qualidade de um espaço-tempo cotidiano e à amabilidade de um espaço-tempo da intervenção.

Entretanto, é exatamente no sentido tangível e material, como condição de “coisas urbanas”, que Solà Morales (2005) concebe o conceito de urbanidade. Segundo ele, é antiquado definir a urbanidade como qualidade social ou como código de bons costumes que configuram um comportamento civilizado. Ou mesmo como caráter urbano de certos ambientes que resultam reconhecíveis na hora de representar a vida em comum. O conceito de urbanidade para a urbanização contemporânea [global, territorial, híbrida

9 Segundo acepções de Houaiss (2009).

10 cuja etimologia vem de “coração”.

e dispersa] é outro e novo, e reside no equilíbrio adequado entre densidade e mescla, entre construção e atividade, que permite aos residentes da urbe participar e ser parte da sociedade urbana, através da possibilidade de se encontrarem uns com os outros. A urbanidade contemporânea está nas construções materiais capazes de transmitir aos cidadãos a compreensão de três atributos da cidade, que são a simultaneidade, a temporalidade e a diversidade. Resulta da articulação das “coisas urbanas”, que não depende das funções ou das atividades, mas da diversidade – densidade qualitativa mais que quantitativa – que alude à variedade e ao número de referências superpostas em um lugar. Reforço, no entanto, que a amabilidade como conceito de dupla dimensão [social e física], com forte articulação com o eventual e com o social, não poderia adotar essa abordagem.

A amabilidade em nossas cidades

É possível identificar uma pluralidade de situações em que a presença da intervenção temporária já contribuiu para a manifestação da amabilidade. Poderia ilustrar brevemente este novo conceito através de alguns casos exemplares, situados em diversos contextos mundiais, e que mesclam o tradicional e o contemporâneo, dentro das possibilidades de intervenções temporárias nos espaços coletivos.



FIGURAS 07 e 08 - Duas edições do projeto Parede Gentil
Fonte: A Gentil Carioca – <http://www.agentilcarioca.com.br/Eventos/parede.html>

No Rio de Janeiro, o projeto de arte Parede Gentil, realizado em empena cega de galeria de arte do centro da cidade, busca trazer a arte para o espaço urbano, conectando-a à população. A cada edição, um artista é convidado a desenvolver um trabalho especialmente para a parede, onde permanecerá durante quatro meses.



FIGURAS 09, 10 e 11 - Troca de figurinhas no Mercado Sant Antoni, Festa de Sant Jordi e Sardanes Fonte: autora



FIGURA 12 - Post it City – Projeto Home Street Home, Barcelona
Fonte: Laura Marte – <http://www.lauramarte.com/index.php?/paisatge/homestreethome/>

O primeiro exemplo abaixo propõe uma instalação com a aparência de um “beliche” de oito andares, que pode ser usado por passantes, moradores de rua ou quaisquer usuários do espaço público interessados em interagir e descobrir novas visadas da cidade. A proposta é a criação de uma instalação que possa ser usada, e não somente contemplada, provocando o passante comum a partir do momento em que mexe na sua paisagem cotidiana, buscando criar novas funções para o espaço público através de um equipamento versátil¹¹. Já o segundo exemplo propõe uma casa nas alturas, onde os artistas plásticos “moram” durante grande parte do dia, movendo-se entre os espaços através de uma parede de escalada. Desde do alto, eles podem interagir com os voyeurs, conversando e respondendo a perguntas¹².

Em uma das esquinas ao redor do Mercado de Sant Antoni, em Barcelona, a cada domingo um grupo de pessoas, cuja predominância é de crianças, se encontra para trocar figurinhas. É uma atividade espontânea que lota o reduzido espaço da esquina e propicia uma rede de conexões totalmente diferente das habituais. Mais um exemplo catalão, de frequência anual, é a festa de Sant Jordi, quando os cidadãos saem às ruas para comprar ou trocar publicamente flores e livros. Além da beleza do espetáculo, é uma prática que gera uma rede de conexões entre pessoas antes totalmente desconhecidas. Outro clássico da amabilidade são as

11 Autoria do artista plástico Guga Ferraz – abril/2007.

12 Autoria dos artistas plásticos Tiago e Gabriel Primo – julho/2009.

Sardanes, dança típica praticada todos os sábados no piso liso da Praça da Catedral de Barcelona. Uma horda de turistas e transeuntes se acumula ao redor das rodas para participar, inclusive ensaiando alguns passos a exemplo dos profissionais.



FIGURA 13
Projeto Add-on, Viena
Fonte: Add-on – <http://www.add-on.at/cms/cat23.html>
Foto: Michael Rieper

A instalação artística *Home Street Home*¹³, também em Barcelona, tem como característica a autogestão de sua existência latente, e trabalha com as possibilidades sociais resultantes da dinâmica do recolhimento de móveis velhos pela prefeitura, efetuada uma vez por semana, entre oito e dez da noite. Nesse intervalo de tempo, a rua vira um acúmulo de móveis e objetos representativos da vida íntima, que são ordenados segundo sua função aparente, criando ambientes habitáveis para os transeuntes noturnos. Dessa forma, se dilui a fronteira entre o público e o privado e criam-se recintos nas ruas, animando de forma efêmera e gratuita o espaço público, e conectando as pessoas entre si e com o lugar.

Extrapolando o eixo Rio de Janeiro – Barcelona, o projeto cultural Add On é uma instalação arquitetônica de grande porte¹⁴, realizada durante seis semanas em Viena no ano de 2005. Como um espaço público vertical, ela explora a interface entre as esferas pública e privada, através da implantação no espaço público de unidades funcionais reconhecíveis da vida cotidiana, porém descontextualizadas, buscando evidenciar uma reação às formas estereotipadas de funcionalidade da vida social, motivando os transeuntes a explorarem a vida urbana de uma forma absolutamente mais interativa... e amável.

Os projetos de arte pública de Christo e Jeanne-Claude, por sua vez, são amplamente conhecidos dentro da categoria de intervenções sitespecific, sendo talvez o mais emblemático o embrulhamento do Parlamento de Berlim, realizado em 1995, na Alemanha. Intervenção mais recente, “As Portas”, instalada no

13 Exemplo de Post it City (cidade ocasional), de autoria da artista plástica Laura Marte, com a contribuição dos moradores – 2007.

14 Autoria dos arquitetos Peter Fattinger, Veronika Orso, Michael Rieper – julho de 2005.

Central Park, também se propunha à provocação de novos olhares e novas sensações espaciais no consagrado espaço público nova-iorquino. Christo e Jeanne-Claude utilizam-se da premissa da efemeridade aliada à plasticidade e originalidade, que conferem à obra a relevância urbanística desejada, criando uma nova leitura do lugar, que atrai e se conecta com o passante.



FIGURA 14 - Intervenção de Christo and Jeanne-Claude: The Gates, Central Park, New York City, 1979-2005
Fonte: Christo e Jeanne Claude – <http://www.christojeanneclaude.net/>
© 2005 Christo and Jeanne-Claude Foto: Wolfgang Volz

Já o trabalho de Tadashi Kawamata apresenta interesse por explorar os terrenos do provisório, lidando com a interface entre as artes plásticas e a arquitetura, fora dos limites dos museus. Suas instalações lidam com a noção do tempo, em que mais importante é o processo do que o produto acabado. No projeto “*Sur la Voie*”¹⁵, instalado em Évreux, na França, no ano 2000, seu desafio foi suscitar a renovação de curiosidade para a cidade e a sua história, através da realização de uma ponte de união entre as quatro construções remanescentes dos bombardeios de 1940. Essa intervenção temporária de arte pública gerou uma diferente dinâmica e proporcionou novos e originais olhares para o centro histórico, trabalhando na recuperação do caráter cívico de outrora, e criando um novo espaço-tempo, caracterizado pela amabilidade urbana.



FIGURA 15 - Intervenção de arte Sur La Voie, Évreux, França, de Tadashi Kawamata
Fonte: Fórum Permanente – www.forumpermanente.org

Intervenções arquitetônicas como o projeto *Parasite Paradise*¹⁶, realizado em Leidsche Rijn, área residencial de Utrecht, na Holanda, em 2003, movem-se no contato direto entre a arte pública e a arquitetura. O projeto resume-se a 25 exemplos de arquiteturas flexíveis e móveis, projetadas por vários arquitetos e

15 Tradução do título: Sobre a via.

16 Tradução do título: Paraíso Parasita, no sentido de se ocupar e “parasitar” um lugar.

artistas, constituindo-se numa cidade com variadas e associadas atividades, centradas na exploração das evoluções de concepção a respeito dos espaços de moradia, lazer e trabalho. Enquanto “novidade urbana” que altera a paisagem, a intervenção gera um “evento” para o lugar, conectando a população em novas dinâmicas, enquanto dure a intervenção.



FIGURA 16 - Parasite Paradise, Utrecht, Holanda Mobile Linear City – Acconci Studio
Fonte: Parasite Paradise – <http://www.parasiteparadise.nl/>

O projeto *Park(ing) Day*¹⁷ é uma intervenção anual, em que cidadãos, artistas e ativistas trabalham para transformar temporariamente uma vaga de estacionamento na rua em um jardim. A intervenção, na forma de apropriação espontânea, nasceu em São Francisco nos Estados Unidos, em 2005, através de uma instalação de duas horas de duração, mas que, devido ao sucesso, se transformou em um movimento que viaja o mundo, criando novas formas de espaços públicos temporários. A proposta é chamar atenção para a necessidade de mais espaços abertos e gerar debate sobre o tema, melhorando a qualidade do habitat humano e promovendo rupturas no cotidiano. Depois do tempo regulamentar, a situação temporária é desfeita e o estacionamento volta ao funcionamento normal. Durante o rápido período de duração do evento, novas redes sociais são possíveis no usufruto deste novo e inusitado espaço público.

Já o *Temporary Garden*¹⁸, do Atelier Le Balto, iniciado em 1997, em Berlim, tem como ideia principal a descoberta de potencialidades no espaço urbano, reestabelecendo-o como lugar de interação. A cada ano, um grupo de paisagistas é chamado a projetar uma área diferente, intervindo em locais inutilizados e motivando múltiplos olhares em relação a eles, consequentemente propagando o interesse pelos espaços públicos. Os locais escolhidos são normalmente áreas degradadas de imagem negativa, que são trabalhados pela intervenção de arte pública, de forma a gerar novas experiências e transmitir mensagens positivas aos usuários, criando entre eles múltiplas conexões.

17 Criado pelo escritório americano Rebar. O título faz um trocadilho com as palavras parking (estacionamento) e park (parque). A foto mostra a intervenção realizada em setembro de 2011, no Rio de Janeiro, de autoria de Adriana Sansão, Ana Louback, Marina Kosovski, Pedro Évora, Pedro Rivera, Raul Bueno e Tatiane Carrer.

18 Tradução do título: Jardim Temporário.



FIGURA 17 - Park(ing) Day, Rio de Janeiro
Foto: Stefano Aguiar / Wagner Pinheiro

Movendo-se também no terreno do inusitado, o projeto *Permanent Breakfast*¹⁹ se propõe a investigar a qualidade dos espaços públicos ou a possibilidade de se imprimir caráter público a espaços privados. Funciona como um teste para avaliar o quão público é um espaço, e partiu da iniciativa de um grupo de artistas vieneses de “tomar café da manhã” em um entroncamento viário local. Aos poucos, e segundo a regra do jogo, outros grupos passaram a organizar cafés da manhã em outros locais de caráter igualmente inusitado, em vários lugares do mundo, servindo até mesmo como forma de se pensar transformações espaciais nesses locais. As apropriações espontâneas causam impacto nos usuários cotidianos, revelando diferentes entendimentos de como os mesmos são públicos, tornando-se uma espécie de teste para sua acessibilidade, assim como para seu grau de “publicismo”. Acima de tudo, revelam-se como potentes meios de conexão entre as pessoas e esses lugares “desformatados”, presentes na vida cotidiana de grandes cidades.

Um exemplo de uso não programado, que é ao mesmo tempo mobiliário e arquitetura, é o projeto *Yard Furniture*²⁰, realizado desde 2002 no espaço público do quarteirão de museus em Viena. A instalação arquitetônica transforma a praça em um playground, através da composição de 226 elementos idênticos em diferentes arranjos sem usos predefinidos, de forma a serem apropriados pelos usuários nas diferentes estações. No verão, as peças montam espaços abertos, funcionando como mobiliário de praça, e, no inverno, formam espaços fechados, como pequenos edifícios. Segundo os autores, funcionam como uma verdadeira

19 Tradução do título: Café da manhã permanente, do artista austríaco Friedemann Derschmidt, 1996.

20 Tradução do título: Mobiliário de Pátio. Projeto do escritório PPAG – Anna Popelka e Georg Poduschka.

ferramenta multifuncional capaz de motivar uma infinidade de “encontros”, além de novas visões de seu território cotidiano.



FIGURA 19 - Permanent Breakfast, Basel, Suíça Fonte: Permanent Breakfast – <http://www.p-breakfast.net/> Foto: Friedemann Derschmidt



FIGURA 18 - Temporary Garden, Berlin, Alemanha
Fonte: Atelier Le Balto – <http://www.lebalto.de/> – Marc Pouzol e Celine Bocquillon



FIGURA 20 - Yard Furniture, Viena, Áustria
Fonte: PPAG architects – <http://www.ppag.at/cms/index.php?idcatside=152&lang=2>

A “receita urbana” de Santiago Cirugeda, intitulada Contenedores, pretende recuperar a rua através da iniciativa do próprio cidadão, evidenciando a diferença, a independência e a importância de seu papel na construção do meio em que vive. Consiste na permissão para instalação de uma caçamba de entulho através de solicitação formal à Prefeitura, e, ao invés do uso da mesma para o fim estipulado, abre-se um leque de possibilidades de uso para a vizinhança, desde atividades de lazer até os usos culturais, subvertendo a função

original do equipamento e evidenciando a potência da apropriação espontânea como geradora de amabilidade urbana.

Finalmente, focando na ideia da conexão, as redes de transporte que conectam a cidade de forma “invisível” [subterrâneas] serviram de inspiração para uma festa contemporânea que aconteceu no metrô de Londres em algumas edições entre 1999 e 2000, a *Circle Line Party*²¹. O que os organizadores pretendiam era subverter completamente o modo como o trem funciona em termos de códigos de conduta, irrompendo com a festa, à qual compareceram mais de 150 pessoas, durante o seu horário regular de funcionamento. Ademais, desejavam que o evento ficasse gravado na memória coletiva dos usuários em suas experiências futuras de uso da linha. Essa performance representa uma nova feição da festa como intervenção temporária, mostrando como esta pode ser violentamente subversiva na busca da ruptura amável do cotidiano.

Após todas essas experiências, poderia interpretar que a amabilidade, como qualidade que surge da apropriação do espaço por suas características potencialmente atraentes, e pelas conexões resultantes dessa apropriação, embora pareça a priori um conceito intangível, costuma ser fisicamente visível como resultado de determinadas ações, ou intervenções temporárias, praticadas no espaço da coletividade.



FIGURAS 21 e 22 - Contenedores, Sevilha, Espanha Fonte: Recetas Urbanas – <http://www.recetasurbanas.net/>

Considerações finais

Este trabalho traz a contribuição do tema da amabilidade urbana como qualidade do espaço da intervenção. Ela pode ser verificada quando a conexão pessoa-pessoa promove a redução do espaço pessoal cotidiano entre elas, trazendo uma diferente atmosfera [de intimidade] para o lugar. Verifica-se, da mesma forma, na conexão pessoa-espaço, quando este último se revela, diferente, novo, original e amável, possibilitando os novos olhares e experiências urbanas de seus usuários. Já diria Jacques (2008:1):

A cidade não só deixa de ser cenário, mas, mais do que isso, ela ganha corpo a partir do momento em que ela é praticada, se torna “outro” corpo. Dessa relação entre o corpo do cidadão e esse “outro corpo urbano” pode surgir outra forma de apreensão urbana e, consequentemente, de reflexão e de intervenção na cidade contemporânea.

21 Tradução do título: Festa da Circle Line [linha circular do metrô], criada pelo grupo Space Hijackers.



FIGURA 23 - Circle Line Party, Londres, Reino Unido

Fonte: Space Hijackers – <http://www.spacehijackers.co.uk/html/projects/circle3/report.html>

Enfatizo que não defendo a amabilidade como uma qualidade do cotidiano, advogando que todo dia deve ser um dia de intervenção. Defendo a intervenção temporária como uma ruptura positiva do cotidiano, e a amabilidade como a ruptura de hábitos individuais cristalizados no espaço coletivo, e que ambas não podem existir sem o pano de fundo do cotidiano. Há que se construir o tangível [espaços coletivos que permitam intervenções temporárias] para que a amabilidade tenha a oportunidade de manifestar-se na cidade. Os arquitetos deveriam criar mais situações propícias para intervenções temporárias, sempre visando a cidade como a reunião de espaços coletivos mais amáveis.

Concluo, parafraseando o arquiteto Fabio Cruz, dizendo que as intervenções temporárias têm o valor e a importância de “presentear a vida com o inesperado”²². A boa vida tem algo mais do que simplesmente a dimensão do cotidiano, e a qualidade artística, festiva ou subversiva, que as intervenções temporárias aportam; corresponde a uma excepcionalidade na vida na cidade, um tempo especial em um espaço que se transforma. Não se vive só da satisfação das “mundanidades”, e, nesse sentido, as intervenções temporárias são as que presenteiam o “inútil” que faz desse cotidiano algo pleno, original, e amável.

Referências

- ALEXANDER, Christopher *et al.* **A Pattern Language Towns, Buildings, Construction**. Vol. 2. New York: Oxford University Press, 1977.
- ALEXANDER, Christopher. **La ciudad no es un árbol**. Barcelona: ETSAB, 1968. (Ed. original 1965)
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2000. (Ed. original 1957)
- BENJAMIN, Walter (W. Bolle org.). **Passagens**. São Paulo: IMESP, 2006. (Ed. original 1982)
- COUTINHO M. da SILVA, Rachel (org.). **A cidade pelo avesso. Desafios do urbanismo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Ed. Viana & Mosley: Ed. Prourb, 2006.
- DELGADO, Manuel. “Apropiaciones inapropiadas. Usos insolentes del espacio público en Barcelona.” *In: Post-it City. Ciudades Ocasiones*. Barcelona: CCCB, 2008.
- GEHL, Jan. **La humanización del espacio urbano. La vida social entre los edificios**. Barcelona: Editorial Reverté, 2006. (Ed. original 2004)
- JACQUES, Paola Berenstein. “Parangolés de Oiticica/Favelas de Kawamata”. *In: BRAGA, Paula (org.). Seguindo Fios Soltos: caminhos na pesquisa sobre Hélio Oiticica*. Revista do Fórum Permanente. Disponível em www.forumpermanente.org.

22 Versão original da citação, que fala sobre a importância da poesia: “(...) La poesia regala a la vida lo inesperado”, do arquiteto chileno Fabio Cruz, membro fundador do Instituto de Arquitectura de la PUCV, junto com os professores Alberto Cruz e Godofredo Iommi, entre outros, e que mais tarde daria origem à Escuela de Arquitectura da PUCV, em 1952.

_____. "Corpografias urbanas". In: **Vitruvius**. Arqtextos, ano 8, 2008. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/08.093/165>.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Ed. original 1961)

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do Efêmero. A moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

LYNCH, Kevin. **A Boa Forma da Cidade**. Lisboa: Edições 70, 1999. (Ed. original 1981)

MERLIN, Pierre e CHOAY, Françoise. **Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement**. Paris: Presses Universitaires de France, 1988.

SABATÉ, Joaquin, FRENCHMAN, Dennis and SCHUSTER, J. Mark (eds.). **Llocs amb esdeveniments. Event Places**. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 2004.

SANTOS, Milton. **Da Totalidade ao Lugar**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. (Ed. original 2005)

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**. Rio de Janeiro: Record, 1997. (Ed. original 1994)

SHAFTOE, Henry. **Convivial Urban Spaces**, Creating effective public places. London: Sterling, VA, 2008.

SOLÀ-MORALES, Manuel. (2005) "Para una urbanidad material". In: **De cosas urbanas**. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2008.

SOMMER, Robert. **Espaço Pessoal**, As bases comportamentais de Projetos e Planejamentos. São Paulo: EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

WHYTE, William H. **The Social Life of Small Urban Spaces**. New York: Project for Public Spaces, 2001. (Ed. original 1980)